

**Paisagens humanimais na contemporaneidade:
perspectivas interacionais imagético-visuais mais
que humanas em diferentes contextos**

Flávio Leonel Abreu da Silveira ¹

flavio.leonel@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-9421-5966>

<http://lattes.cnpq.br/1972975269922101>

Andréa Osório ²

andrea_osorio1@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0368-9117>

<http://lattes.cnpq.br/6909409179119225>

1 - Professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPa. Pesquisador do CNPq.

2 - Professora Associada III no INEST/UFPa.

A proposta deste número da revista *Fotocronografias*, voltada às *paisagens humanimais* que ora apresentamos, reflete um trabalho coletivo inclinado à conformação de um campo de reflexão que consideramos consolidado na Antropologia Brasileira. A edição tem um papel relevante na trajetória dos estudos das relações humano-animais realizados no Brasil. Partimos de tal análise com base em nossa experiência conjunta de mais de 10 anos neste debate, justamente porque o referido número ocupa um espaço ainda aberto e profícuo no campo – porque pouco explorado e repleto de possibilidades interpretativas. Neste sentido, o ofício do/a antropólogo/a com a câmera nas mãos, que se lança na aventura (antropológica, mas também ecológica) de captar imagens capazes de compor narrativas fotoetnográficas das interações humano-animais em paisagens multiespécies, quiçá, mais-que-humanas nos mundos bioetnodiversos e socialmente plurais no/do contexto brasileiro, é um desafio instigante e promissor.

A revista, portanto, surge no horizonte reflexivo da antropologia produzida no país sobre as relações/interações dos coletivos humanos com os animais, que nos parece em franca expansão. Nestes termos, a revista indica as possibilidades reflexivas e hermenêuticas relacionadas aos usos narrativos imagético-visuais – e, portanto, em diálogo com a zoopoética e a zooliteratura (Maciel, 2008), uma antropologia do sensível (Sansot, 1986) e das afecções (Favret-Saada, 1977), entre outros – como resultado de etnografias efetu-

adas em determinados contextos de significação, onde “comunidades híbridas”/coletivos humanimais e suas co-criações e engajamentos em paisagens multiespécies são fenômenos mais-que-humanos passíveis de interpretações antropológicas no Antropoceno/Capitaloceno¹.

O debate acerca das complexas relações entre humanos e animais na contemporaneidade envolve diferentes socialidades mais-que-humanas, ou ainda, práticas co-participativas humanimais em contextos específicos, que em âmbito nacional indicam a pluralidade dos fenômenos de interações e de abordagens possíveis. Tais socialidades e práticas, enquanto formas sociais, estão constituídas e/ou atravessadas por um complexo conjunto de relações interespécies ligadas a agências, reciprocidades, formas de explorações, negociações de sentidos que se vinculam a expressões de emoções, sentimentos, racionalidades, as quais emergem pelo convívio em paisagens multiespécies. As ambiguidades animais e humanas, seus “abismos” relacionais, revelam possibilidades de (des)encontros e formas relacionais mais ou menos tensionais, não raro, agonísticas porque afeitas aos modos de vida modernos ligados à exploração do *outro* – animais processados como *commodities* manufaturadas (Berger, 23: 2009) para a devoração humana –, por vezes, de tentativas de invisibilização dos animais.

Partimos do pressuposto de que o campo das relações humano-animal, ou *Animal Studies*, emerge com força na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX, portanto, a perspectiva de pensarmos as relações humano-animal reverbera uma longa duração, que na atualidade – e no caso brasileiro – conhece impulso renovado no campo antropológico: o sujeito animal (Lestel, 2009), portanto falamos também de uma subjetividade animal (Maciel, 53: 2008), que configura agentivamente junto aos humanos determinadas paisagens e, não apenas está assujeitado (Berger, 2009; Derrida, 2011) pelos humanos a elas, o que significa dizer que temos um horizonte relacional complexo, contraditório, mais ou menos violento nas chamadas paisagens humanimais. O *estar-com*, aqui, é *contraditorial*², pois indica ligações tensionais que participam tanto da efusão paisagística das formas humanimais em relação como participa da tragédia da cultura (Simmel, 1997).

Na verdade, sabe-se que os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. O estudo clássico de Evans-Pritchard (1993) sobre os Nuer e as suas relações com o gado bovino, coloca tais existentes no centro da organização sócio-político-econômica daquele coletivo humano, e talvez seja o exemplo mais relevante no campo antropológico. Por outro lado, as reflexões de Mary Douglas (1976) sobre os tabus em relação às práticas de carnivoría humana em relação aos porcos é outro estudo clássico. Neste sentido, comumente, identifica-se como desdobramento no campo dois paradigmas cor-

1 – Aqui, uma vasta bibliografia que iria de Latour, passando por Haraway até chegar a Moore é possível, somando-se à produção brasileira e dos estudos decoloniais que se voltam ao tema.

2 – A ideia de estar-com ancora-se em Derrida (2008) e Maffesoli (1987), a noção de contraditorial emerge a partir deste último autor.

rentes: um que pode ser chamado de materialista, voltado à busca do animal “real”; e outro, de caráter semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações.

Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas/legitimadas relações entre natureza e cultura, bem como a retomada dos estudos acerca das paisagens na Antropologia força o reconhecimento de certa unicidade perdida entre humanos e não-humanos vivos, suas dimensões interacionais mais que humanas que colocam em questão o antropocentrismo, ou qualquer perspectiva de insularidade do *Anthropos* (Morin, 1975).

O que tentamos nesta edição da Revista Fotocronografias está, portanto, no horizonte do que Antropologia das Relações Humano-Animais elabora em seu debate: lançar luz sobre relações e sociabilidades muitas vezes tomadas como meros dados da realidade ou como algo natural. Carne, leite, criações, cavalos, trufas, borboletas, entre outros, se tornam foco do olhar fotoetnográfico, de modo a que possamos ponderar sobre os lugares e/ou nichos (ecossistêmicos, simbólicos, sócio-políticos, ideológicos, econômicos) em que se encontram, as redes que movimentam e os humanos e não-humanos envolvidos, sejam vivos ou não naquelas paisagens mais-que-humanas que o/a antropólogo/a volta seu interesse, especialmente quando está com a câmera nas mãos.

Na verdade, o uso e/ou a apropriação criativa das imagens durante a pesquisa de campo na e para a produção de hermenêuticas sensíveis acerca das relações com outros não-humanos, pressupõe um olhar atento às complexas interações dos coletivos humanos com os animais, pois considera o exercício sutil do ver por parte do etnógrafo, levando em consideração as dimensões ecosófica (sociais, ecossistêmicas, mentais) presentes no contexto que se insere, e que a perspectiva de seu universo sensível toca, e se desdobra diante de suas lentes como uma sucessão sutil de frames, posições no jogo social interespécies envolvendo sociabilidades e congraçamentos, mas também dramas e tragédias, de possíveis agenciamentos coletivos de subjetividade humanimal, conexões e comunicações (e, certamente, de metacomunicações e redundâncias à Bateson (1972)) acerca do saber-fazer humano onde os animais participam agentivamente num ambiente onde significados são partilhados, sempre envolvendo interações e deslocamentos de seres nos lugares, co-criando uma dança relacional onde humanos e animais se imbricam como paisagens em devir atravessadas pelas potências imaginárias na produção de mundos paradoxais ou não.

A câmera (fotográfica – votada à imagem fixa) nas mãos do pesquisador que se insere em dado contexto etnográfico e dele participa intensamente, seria uma agenciadora – uma coisa com agência – a co-criar com o pesquisador uma intencionalidade híbrida na busca de compreensão de determinada realidade social mais-que-humana, de produzir narrativas fotoetnográficas (ou como queiram chamar) elaboradas na co-participação junto às paisagens dos Outros. Tais narrativas etnográficas, cujas ambiências (ou configurações paisageiras) indicam, justamente, a tentativa de revelar a experiência vi-

vida com coletivos mais-que-humanos, nas quais paisagens humanimais são um parcela do cotidiano (ou da excepcionalidade dele ou nele) imprimem movimento, denotam ou recortam posições, revelam nuances, enfim, (re)contam a experiência de outrora transfiguradas no agora da produção textual intersubjetiva, cuja força está no diálogo com as imagens mais-que-humanas em jogo. Nunca escapamos do domínio das imagens: o que precisamos é estabelecer uma boa conversa entre as imagens presentes no texto escrito e aquelas reveladas pelas nossas intencionalidades etnográficas quando estamos com a câmera nas mãos.

Então, a câmera mais que uma ferramenta/dispositivo de coleta de dados, mediante uma Antropologia Visual em ato, revela-se a possibilidade hermenêutica de elaborar narrativas que pressupõem a complexa dialogia quando o/a etnógrafo/a, sensivelmente, se debruça sobre seu material, que aponta para uma Antropologia que considera o imaginário, as potências agregadoras e convergentes de imagens que constelam na forma texto-ensaio fotoetnográfico, que parte de sua imaginação criadora, de suas experiências com alteridades humanas e não-humanas, com ontologias relacionais, ou cosmologias diversas em contextos outros.

Neste número participam colegas que estão conosco neste debate desde longa data, assim como jovens pesquisadores ligados a alguns deles, outros que acompanhamos através de suas trajetórias na pós-graduação e pela participação no debate, além dos pesquisadores que participam em passant apresentando ensaios relacionados a aspectos de seus estudos que cotejam as relações humano-animais. De qualquer forma, temos aqui um panorama sucinto, mas interessante, dos caminhos pelos quais o campo tem percorrido e se desenvolvido já que, de alguma maneira, a revista em questão reflete nosso trabalho de mais de 10 anos à frente do Grupo Temático Antropologia das Relações Humano-Animais no âmbito da Reunião Brasileira de Antropologia³.

O número da revista em questão pretende ser um espaço para reflexões imagéticas, especialmente pelo fato de que considera a relevância das imagens na construção de narrativas visuais que tomem as relações inter e multiespécies (onde humanos e animais não apenas “fazem” paisagens, mas são paisagens em devir, ou ainda, expressões paisageiras no mundo praticado). Aqui, cabe ressaltar que os animais, essas figuras ambíguas, são “sempre” observados, ou são “sempre” invisibilizados, ou são também aqueles que nos olham. O olhar animal nos re-situa, nos desloca, e exige pontes entre abismos num contexto de significação humanimal, pelo fato de que nos construímos como humanos na relação (mais ou menos paradoxal) com eles. O olhar humano sobre os animais na contemporaneidade exige a reconfiguração da insularidade do *anthropos*, e, certamente, do *demens*, num sentido de reconfigurarmos os mundos (próprios, plurais, diversos) com os animais, indo ao encontro de outros existentes para que o Antropoceno não seja somente a catástrofe, ou que Gaia seja a dimensão macro da simbiose que podemos ter, ou ser,

3 - Lembramos que o Grupo Temático denominado Antropologia das Relações Humano-Animais associa-se a diversos grupos/coletivos envolvendo colegas de distintas instituições que se organizam para a realização de debates em torno do tema em vários fóruns de discussão nacionais (REA, RAM, ANPOCS), e para além deles.

com os animais numa dimensão meso, e mesmo, microssociológica⁴.

Sendo assim, esta edição de Fotocronografias volta-se às pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não-humanos, a partir de um viés no qual tais relações possam ser visualizadas em imagens, conjuntamente a seus textos explicativo-reflexivos, portanto, que evoquem hermenêuticas próprias acerca do universo cotejado em consonância com as imagens evocadas pelo trabalho de campo, o exercício etnográfico – o que nos remete ao fato de que as imagens fotográficas enfocam as relações, onde os próprios animais têm agências com os humanos, em qualquer que seja o contexto estudado.

Neste número da revista as contribuições fotoetnográficas tomam como mote reflexivo tais interações para a produção antropológica contemporânea, relacionando os campos da paisagem, do imaginário, enfim, do sensível, a partir das expressões humanimais no mundo contemporâneo, neste caso, mediante etnografias visuais, ou melhor, onde texto e imagens, ao narrarem experiências etnográficas, revelem nuances sobre os universos deste campo de pesquisa que floresce entre nós.

Observamos que eixos teóricos clássicos como natureza/cultura, rural/urbano, tradição/modernidade, trabalho/lazer, ou mesmo, artesanal/industrial, que são fundamentais tanto para a Sociologia quanto para a Antropologia, são acionados em alguns dos ensaios, bem como dilemas do fazer etnográfico que o processo de escrita não consegue resolver, mas que podem ser colocados/realçados pelas imagens. Vida e morte parece ser outro tema constante, seja no consumo do javaporco, numa coleção científica de mariposas e borboletas, em um Matadouro Municipal, na sobrevivência à estiagem, ou em maus encontros com tubarões em Pernambuco. Há animais que trabalham e animais que nos dão lazer enquanto “trabalham”, da mesma forma que há perigos nessas áreas de lazer.

A resiliência dos pares de oposição binários nos faz pensar sobre a própria distinção entre humanos e animais. Optamos aqui por “animais”, ao invés de não-humanos ou outros-que-humanos por entender que essa primeira categoria assinala uma distinção fundamental ao pensamento Ocidental, por onde todos os ensaios aqui apresentados trafegam. Não que os outros-que-humanos não estejam presentes, por exemplo, nas trufas, nas caixas que guardam borboletas e mariposas ou nas placas que previnem contra tubarões, para citar apenas alguns exemplos. Estão e são perceptíveis como parte da forma como nos relacionamos ou evitamos nos relacionar com determinadas espécies.

Esse jogo de aproximação e afastamento é compartilhado aqui também. Aproximar-se das trufas requer um cão trufeiro. Aproximar-se de um frigorífico industrial requer conhecimentos pessoais. Afastar-se requer muros, placas, cercas elétricas ou de arame farpado. A própria câmera fotográfica é, ela própria, um meio de aproximação, como o é

4 - O debate acerca do olhar na configuração humano-animal em determinado contexto de agenciamentos e sentidos compartilhados é uma tentativa modesta de trazer questões colocadas por Baker (2008), Berger (2009), Derrida (2008), Kalof e Montgometry (2011), Lestel (2003) e Maciel (2008).

o fazer etnográfico. Eles abrem portas para mundos desconhecidos, tanto quanto os interlocutores as fecham quando não estão dispostos a terem seu universo penetrado por um/a desconhecido/a. Aproximação e afastamento fazem parte do próprio fazer antropológico, seja ao adentrarmos ou ao deixarmos determinado campo.

As imagens aqui apresentadas trafegam por pontos tão distantes quanto o Marajó e o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o sertão paraibano, Mato Grosso e Chile, entre outros. Criados confinados ou à solta, asselvajados, domésticos e selvagens, uma certa miríade de espécies se desdobra ao olhar, com ênfase para os bovinos e equinos, que, em conjunto, somam seis ensaios, dando a noção da relevância de tais espécies para o país. A ideia de bem-estar emerge, mesmo que de forma muitas vezes velada, em vários dos ensaios. Há uma preocupação na relação entre humanos e animais, para que ambos sobrevivam. E para tal, dependemos, muitas vezes, uns dos outros, seja na esfera econômica, seja no âmbito dos afetos – que são, tantas vezes, pensados como antitéticos, mas que se encontram de inúmeras maneiras, como entre trufeiros e seus cães, ou entre criadores e seu gado.

São múltiplas, portanto, as paisagens cobertas nesta edição: ilhas, mares, sertões, ruralidades, meio urbano, norte a sul, leste a oeste. O que nos chama a atenção é um dado prosaico: o de que em todas elas estão ali, presentes, como era de se esperar, animais e humanos, visíveis ou não. As placas que alertam contra os tubarões dão visibilidade a um animal marinho que, por esta razão, é difícil de ser visualizado. Os muros do frigorífico escondem, por sua vez, um processo de vida e morte, capitalista, industrial e moderno. A peça de pernil de javaporco alerta para a presença do animal na região, normalmente escondido nas plantações de milho e cana-de-açúcar. O cachorro aponta para a direção da trufa enterrada no chão. Matadouros e frigoríficos nos fazem pensar sobre a ocultação – ou não – da morte animal. Por outro lado, coleções científicas de borboletas e mariposas trazem à luz a existência de seres delicados, cujo processo de metamorfose normalmente não é testemunhado no cotidiano, da mesma forma que cavalgadas, corridas e passeios a cavalo exaltam um animal tão caro ao país, quase onipresente, seja no campo ou na cidade.

Passamos, a seguir, a um breve resumo dos ensaios aqui dispostos, de modo que o leitor perceba que, independente da espécie – ou dependendo dela – os temas se sucedem, muitas vezes, tangenciando-se, seja na forma da abordagem teórica ou (foto)etnográfica. Dilemas de campo se sucedem, demonstrando algumas das agruras e percalços de se fazer Antropologia em paisagens e com sujeitos e objetos tão distintos.

Ana Paula Perrota realça os conflitos existentes entre a modernidade de um frigorífico industrial e o tradicionalismo dos abatedouros, conforme visitados pela autora no interior do Maranhão. Ela parte do Matadouro Municipal e sua ausência de muros para pensar a logística mais contemporânea dos artefatos modernos, que escondem a morte da vista, transformando a carne em um subproduto, em algo que não associamos, carnívoros que somos, a animais mortos.

Joelma Nascimento tece uma reflexão também sobre o gado, mas não sobre sua morte. A pesquisadora volta sua atenção para a sua sobrevivência em épocas de chuva e seca no sertão paraibano de Piancó. Permeado por relações morais com os humanos, o gado deve sobreviver à estiagem que, ao findar, deixa uma bela paisagem esverdeada onde antes havia apenas tons de areia. É um tipo de contraste que cria beleza natural e constitui, segundo a autora, parte de um modo de vida marcado tanto pela técnica da criação quanto pela moral campesina no contexto sertanejo.

Leandra Holz e Felipe Vander Velden abordam o gado em São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Nessa paisagem distante da realidade nordestina, produz-se leite e o dilema, como no ensaio de Perrota, é parecido, ou seja: modernidade ou tradição? Aqui a modernidade é baseada na criação intensiva e um certo discurso de bem-estar animal, enquanto a tradição é marcada pela criação do gado solto nos pastos, onde a categoria do zelo emerge como uma forma de atenção e cuidado em relação ao animal.

Dos bovinos aos equinos, somos presenteados com mais três ensaios. Eric Barreto pensa sobre cavalos na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Novamente, o eixo tradição/modernidade é acionado para se pensar a presença dos animais naquele contexto, que pastam em áreas verdes em plena urbe, quando normalmente estão associados ao campo. Longe de estarem no lugar “errado”, eles nos fazem pensar sobre a cidade e suas relações com os animais.

De volta à paisagem campesina, desta vez em Minas Gerais, o ensaio de Miriam Adelman guarda a poética de encontros entre cavalos, cavaleiros e amazonas, apontando para duas mudanças na relação que mantemos com esses animais: a primeira, um giro ao lúdico e ao esportivo, mais do que ao animal de trabalho; a segunda, uma feminização do público interessado em montá-los. Ambos os fenômenos indicam transformações sociais em relação aos equinos e aos modos de vida na contemporaneidade em nosso país.

Na Ilha do Marajó, por sua vez, Felipe Bandeira Neto e Denise Machado Cardoso elaboram uma reflexão sobre cavalos e cavaleiros a partir de corridas no município de Salvaterra. O movimento, a cooperação, como Adelman também indica, os sentidos mobilizados, como no caso dos odores do Matadouro Municipal que Perrota visitou, são difíceis de serem descritos, mas podem ser fixados e traduzidos a partir das imagens, evidentemente, com um foco no visual.

Luisa Fanaro reflete sobre o trabalho canino na caça às trufas no Chile, baseado na aprendizagem dos cães bem como em seu olfato apurado. É um esforço mútuo e coordenado entre animais e humanos na sua triangulação com as trufas. Um cão trufeiro é adestrado ao serviço que presta desde muito jovem, de forma lúdica, a partir de recompensas alimentares. Aqui também os movimentos do cão e o aroma – que os humanos não sentem – são capturados, sensivelmente, pelas imagens.

Ainda na seara dos animais que trabalham, Gabi di Bella acompanha a jornada da elefanta Rana, de Aracajú para o Santuário Elefantes Brasil, no Mato Grosso, escoltada

pela Polícia Rodoviária Federal. De origem asiática, Rana teria vindo dos Estados Unidos ao Brasil, trabalhando em diversos circos e, posteriormente, doada a um zoológico, indo finalmente viver em uma fazenda. Em toda essa trajetória, a autora se pergunta por quantos maus-tratos a idosa elefanta não teria passado. De certa forma, Rana atualiza as imagens arquetípicas do elefante Jumbo, no século XIX, e demonstra que o moderno poder colonial persiste até hoje, com a ressalva de que agora criamos santuários para animais exóticos retirados da condição de escravidão.

Andréa Osório apresenta uma reflexão sobre o consumo do híbrido de javali e porco doméstico em Minas Gerais. A incursão de campo da autora a levou a aprender a cozinhar o chamado javaporco. Carne de caça, cujo comércio na região é ilegal, está envolta em certos tabus. Os ossos devem ser escondidos, os caçadores nunca são nomeados e seu consumo se classifica na ideia do “provar”, não do comer. Pouco apreciada, a carne é de difícil cozimento, demandando uma expertise da/o cozinheira/o tanto para o processo de desossar, quanto de cozinhar e temperar o alimento consumido em segredo.

Outro animal pouco apreciado em relação aos afetos é o tubarão. Camila Maria Santos e Ana Cláudia Rodrigues da Silva debatem os incidentes ocorridos em Pernambuco através das placas que alertam os banhistas a não entrarem na água na Região Metropolitana de Recife em função dos encontros classificados como ataques. Nos últimos anos, vários humanos foram mordidos pelos tubarões no local, ainda assim, muitos se arriscam no mar, onde o banho é proibido, apesar das placas solicitando que não adentrem nas águas habitadas pelos grandes animais.

Por último, Líbera Nunes reflete sobre mariposas e borboletas numa coleção científica. Para além dos próprios insetos, a autora chama a atenção para toda a rede de humanos e não-humanos que envolvem a confecção de uma coleção como a enfocada, acionando questões como natureza/cultura, objeto/sujeito e – mais uma vez, entre os ensaios aqui apresentados – vida/morte. Como ela mesma escreve, “as coleções biológicas modernas são sustentadas não só pela concepção de arquivar o que está sendo extinto, mas de contar uma história evolutiva”.

O que temos, portanto, é uma miríade de olhares sobre as relações entre humanos e animais, cada qual enfocando problemas e dilemas que podem tangenciar outros ensaios aqui presentes. Esse é o primeiro dossiê a cruzar as fronteiras da Antropologia das Relações Humano-Animais com a Antropologia Visual e cremos que os autores participantes foram felizes em nos brindar com elementos para pensarmos além de seus próprios ensaios – ponderarmos sobre um campo antropológico propriamente dito, tanto quanto nas formas de fazer este campo.

Por fim, queremos agradecer a todos que fizeram esta publicação possível: os autores, os editores, os leitores, os interlocutores e ao BIEV/UFRGS.

Referências

- BAKER, Steve. *The postmodern animal*. Reaktion Books: London, 2008.
- BATESON, Gregory. *Cybernetic Explanation*. In: *Steps to an ecology of mind. Collected Essays In Anthropology, Psychiatry, Evolution, And Epistemology*. San Francisco: Chandler Pub, 1972, pp. 405-416.
- BERGER, John. *Why look at animal?* Penguin Books: NY, 2009.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Perspectiva: São Paulo, 1976.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Perspectiva: São Paulo, 1993.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. *Les mots, la mort, les sorts*. Gallimard: Paris, 1977.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Papirus: Campinas, 1990.
- HARAWAY, Donna J. *Staying with the trouble. Making in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.
- KALOF, Linda; MONTGOMERY, Georgina M. (Eds.). *Making animal meaning*. Michigan State University Press: Michigan, 2011.
- LATOUR, Bruno. *Face à Gaia. «Huit conférences sur le Nouveau Régime Climatique»*. Paris: La Découverte, 2015.
- LESTEL, Dominique. *Les origines animales de la culture*. Flammarion: Paris, 2009.
- MACIEL, Maria E. *O animal escrito. Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MOORE, Jason W. (Ed.). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Oakland: Kairos Books, 2016.
- MORIN, Edgar. *O Enigma do Homem. Para uma nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SANSOT, Pierre. *Les formes sensibles de la vie sociale*. PUF: Paris, 1986.
- SIMMEL, Georg; FRISBY, David; FEATHERSTONE, Mike. *Simmel On Culture: Selected Writings. Theory, Culture & Society*, Sage Publications, 1997.